

CRÍTICA SÉRIE | CEM ANOS DE SOLIDÃO

POR OLGA DE MELLO - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Há quase 70 anos,
a solidão em Macondo

L eitor é aquele ser que reconhece na vida real momentos literários. Esta semana, por alguns instantes, o Rio virou Macondo, com a revoada dos bichinhos de luz. É fim de inverno, mas nesses trópicos de estações pouco marcadas, tudo se embola devido ao aquecimento global – renegado por uns, preocupante para todos os seres racionais que admiram a cidadezinha criada pelo colombiano Gabriel García Marquez para representar sua terra natal, Aracataca, hoje ponto turístico graças à criação de seu filho mais notável.

Descobri aquele universo quando, madura adolescente, na primeira madrugada de insônia da vida, devorei “Cem anos de solidão” com a voracidade das formigas de Macondo. No dia seguinte, dormi em todas as aulas na faculdade.

Passaram-se uns 45 anos até eu voltar às ruas de terra do lugarejo fundado pelos Buendia. Temia que a série da Netflix apagasse as imagens que eu criara para o romance que me levou à leitura de quase tudo o que Gabo escreveu. Ao contrário, contribuíram para aprimorar o cenário daquela saga familiar e do



A adaptação de ‘Cem Anos de Solidão’ produzida pela Netflix teve o mérito de reforçar as imagens criadas pelo célebre romance de Gabriel Garcia Marquez que conta a saga dos Buendía

povoado praticamente esquecido pelos governantes até a chegada da United Fruit Company, a multinacional norte-americana que explorou plantações de banana na Colômbia e em outras nações latino-americanas, e, paralelamente, à Guerra dos Mil Dias, o embate civil, entre 1899 e 1902, no qual morreram cerca de 100 mil pessoas e o país perdeu a região do Panamá.

Os episódios históricos que compõem o pano de fundo de “Cem anos de solidão” jamais se sobressaem à singularidade dos Buendia e de seus agregados. São personagens multifacetados, cuja bondade se alicerça na crueldade exigida para a sobrevivência em tempos difíceis. O tímido e romântico Aureliano Buendia se torna o temido coronel, que enfrenta um pelotão de fuzila-

mento na abertura do romance. De início, o povoado resiste à opressão da fé católica, embora o misticismo esteja totalmente integrado à realidade dos habitantes de Macondo, que abraçam o sobrenatural com a tranquilidade sincrética dos latino-americanos.

O reencontro com Aurelianos, Arcádios, Remédios, Úrsulas e Amarantas, entre tantos, continua encan-

tador. García Marquez era um mago, alquimista das palavras, de uma sonoridade colorida que lembra os tons de Jorge Amado, aqueles títulos exuberantes, poéticos, chicleados na mente. Tudo pincelado por as-sombrações, longos períodos de chuva ou de insônia entre os moradores, maldades, canalhices, gente que sobe aos céus em vez de morrer, faz revolução, reclama das condições de trabalho com a United Fruit Company e arruma sempre tempo para se acabar de paixão. A cada revoada de mariposas com o calor ou a temporada de chuva incessante – que, felizmente, não chega a quatro anos quatro anos, onze meses e dois dias –, tão comuns nos trópicos, não há como deixar de pensar em Macondo.

Em maio de 2027, “100 anos de solidão” completa 60 anos de publicação, que devem ser celebrados com novas edições, lembrando que o livro impulsionou, na década de 1960, o boom da literatura latino-americana mundo afora, capitaneada por Gabo, pelo peruano Mario Vargas Llosa, o argentino Julio Cortázar e o mexicano Carlos Fuentes. Hoje, é possível encontrar o texto por preços variados, entre R\$ 50 (em sebos) e até R\$ 180, os volumes fartamente ilustrados, geralmente com desenhos representando a árvore genealógica das sete gerações de Buendia. Assim atendem à maior reclamação de quem não consegue se entender com a repetição dos nomes dos personagens – um hábito arraigado nas famílias latinas – e também à crítica mais rasa que um clássico da literatura pode receber.

NA ESTANTE

POR OLGA DE MELLO

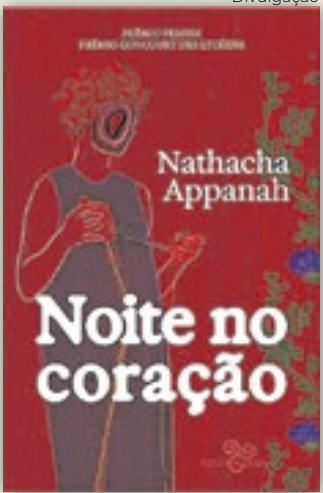
EM MEIO A APAGAMENTOS

A cineasta e artista plástica paraense Jéssica Paola lança este domingo (6), durante a Bienal Internacional do Livro de São Paulo, “Meu Nome é um Lugar Longe” (Hecatombe, R\$ 40). Os contos tratam de mulheres que enfrentam monstruosidades em histórias entrelaçadas de apagamentos e reconstruções do eu, investigando identidade, pertencimento, afeto, deslocamentos e alteridade. Radicada no Rio de Janeiro, a autora fundamenta sua obra na oralidade amazônica e nas vivências da selva urbana carioca, além de sua própria experiência de deslocamento pelo país, entre-meada às narrativas do pai, que vive no Maranhão, e da mãe, cearense.



SILENCIADAS PELO MEDO

Traduzido em mais de quinze países, “Noite no coração” (Bazar do Tempo, R\$ 80) recebeu, entre outros, os prêmios Femina e Goncourt des Lycéens, na França. Nascida nas Ilhas Maurício, Nathacha Appanah conta os antecedentes de dois feminicídios e seu próprio histórico de vítima de violência, que conseguiu escapar da morte pedindo a proteção da família. Nos três casos, os agressores eram companheiros das mulheres. Além de relatar os processos judiciais dos dois assassinos, Natacha discute as pressões que levam mulheres a se recolherem em silêncio, mantendo segredo sobre os maus tratos sofridos, tanto por constrangimento quanto por temor de que a violência seja dirigida a outras pessoas próximas a elas.



PRECONCEITO E VIOLÊNCIA

Preconceito e violência caminham lado a lado em “Quando” (Record, R\$ 69,90), da mineira Carla Madeira, a atualmente mais lida escritora brasileira. Ambientado na década de 1980, o romance traz uma família que se mantém próxima apesar do sofrimento pela incompreensão: a mãe, muito doente, aguarda a visita do filho que denunciou à polícia por violência homofóbica. Depois de cumprir pena, o filho jamais retornou ao convívio familiar, e a mãe passa vinte anos esperando revê-lo, cuidada pelas duas filhas, uma delas homossexual. Desde 2023, a escritora se transformou no maior sucesso de ficção em literatura brasileira, tendo vendido mais de 1,4 milhão de cópias de seus três romances anteriores.

